

RESUMO: Partindo da análise de autores antigos como Homero, Hesíodo, Heródoto e Tucídides, dentre outros, procuramos apontar como o embate entre as noções de verdade e de mentira se dá já desde o texto originário da tradição clássica, a *Odisseia*, e fundamenta o surgimento da historiografia, com efeitos sobre as práticas da escrita de não ficção, seja ela historiográfica ou oratória, até os nossos dias, nos textos jornalísticos. Os termos contemporâneos “não ficção” e “ficção”, portanto, têm sua distinção remontada à Antiguidade, quando a noção de verdade como construção textual já está entre poetas, historiadores, oradores e filósofos.

PALAVRAS-CHAVE: verdade, mentira, ficção, não ficção, Antiguidade

ABSTRACT: Analyzing authors from the Antiquity such as Homer, Hesiod, Herodotus and Thucydides, among others, our aim is to study how the oppositional notions of lie and truth are present in the first literary work of the classic tradition, *The Odyssey*, and how that influences the origin of historiography, with effects on nonfiction writing, either historiographical or oratorical, that can be traced up to our days in journalistic texts. Fiction and nonfiction, albeit contemporary terms, have their distinction founded in Antiquity, when the idea of truth as a textual construction is already given to poets, historians, orators, and philosophers.

KEYWORDS: truth, lie, fiction, nonfiction, Antiquity

Quando os historiadores mentem e os poetas dizem verdades: “ficção” e verdade na Antiguidade

Alexandre Pinheiro Hasegawa

É lugar comum da historiografia dizer que se relata o que aconteceu, o verdadeiro, opondo-se, muitas vezes, à poesia, que não se preocupa com os fatos, ou melhor, que, em geral, os poetas mentem, dizem coisas falsas. Essa fácil distinção, embora encontre respaldo em textos antigos, nem sempre, como veremos, é verdadeira. Antes, porém, de tentarmos desfazer esse senso comum,¹ vejamos apenas como em autores da Antiguidade se associa, de um lado, a verdade à historiografia, e, de outro, a mentira à poesia. Cícero, por exemplo, em *Do orador* (2. 62: *nam quis nescit primam esse historiae legem, ne quid falsi dicere audeat? Deinde ne quid veri non audeat?*), diz ser a primeira lei da história não ousar dizer algo falso ou, em outras palavras, dizer somente a verdade. Luciano de Samósata, ao concluir sua obra *Como se deve escrever a história* (63: *χρῆ τοίνυν καὶ τὴν ἱστορίαν οὕτω γράφεσθαι σὺν τῷ ἀληθεῖ*), afirma ser necessário que a história seja escrita com a **verdade**². Por outro lado, os poetas, desde seu início, com Homero e Hesíodo, contam coisas falsas, de acordo com passagem da *República* de Platão (377d: οὐς Ἡσίοδος τε, εἶπον, καὶ Ὅμηρος ἡμῖν ἐλεγέτην καὶ οἱ ἄλλοι ποιηταί. οὗτοι γάρ που μύθους τοῖς ἀνθρώποις ψευδεῖς συντιθέντες ἔλεγόν τε καὶ λέγουσι): “As que nos contaram Hesíodo e Homero — esses dois e os restantes poetas. Efectivamente, são esses que fizeram para os homens essas fábulas **falsas** que contaram e continuam a contar”.³

Nessa oposição entre história e poesia, cabe citar, ainda que seja longa, a célebre distinção que Aristóteles faz na *Poética* (IX, 1451a-1451b), em que os gêneros são confrontados:

Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postos em verso a obra de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) — diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal,

1 Uma primeira versão oral deste trabalho, ainda muito incipiente, foi apresentada no evento “Panoramas da Literatura”, em 2016, do programa de pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz, a convite de Márcia Vescovi Fortunato e Roberto Taddei, aos quais agradeço muito. Pude desenvolver o assunto em 2017, novamente no mesmo evento, e agora apresento neste artigo uma versão mais aprofundada da pesquisa, ainda em curso. Para esta versão, agradeço, de modo particular, a cuidadosa leitura, as indicações e correções de Breno Battistin Sebastiani e Roberto Taddei. Quaisquer erros, porém, são inteiramente de minha responsabilidade.

2 Anteriormente, Luciano de Samósata diz que a poesia tem suas próprias regras (8: *κανόνες ἴδιοι*), enquanto a história tem outras. Para estudo do confronto entre poesia e história em Luciano, ver BRANDÃO, J. L. Luciano e a história. In: SAMÓSATA, Luciano de. *Como se deve escrever a história*. Tradução e ensaio de Jacyntho Lyns Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2007. p. 185-206.

3 Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Um pouco antes (377a), porém, se diz: “no conjunto, as fábulas são **mentiras**, embora contenham algumas **verdades**” (τοῦτο δὲ που ὡς τὸ ὅλον εἰπεῖν ψεῦδος, ἐνὶ δὲ καὶ ἀληθείῃ). *Pseûdos* (mentira), como veremos, é o termo que se contrapõe à *alétheia* (verdade).

e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes às suas personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibiades ou o que lhe aconteceu.⁴

4 Tradução de Eudoro de Souza. Para a distinção entre esses gêneros, com especial atenção ao texto de Aristóteles, vale destacar alguns trabalhos importantes: ROSENMEYER, T. History or poetry? The Example of Herodotus. *Clio*, v. 11, p. 239-259, 1982; GOLDHILL, S. *The invention of prose*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 10-44. (Greece & Rome New Surveys in the Classics, 32); HALLIWELL, S. *The aesthetics of mimesis: ancient texts and modern problems*. Princeton e Oxford: Princeton University, 2002. p. 164-167.

5 “Ficção” vem do latim *fictionem* (*fictio*, -onis s. f.), que significa a ação de fingir; formação; criação (de palavras, cf. Quintiliano 8. 6. 31), palavra formada do verbo *fingere* (“compor obra poética, esculpir, representar”; “formar, instruir”; “esconder, fingir”). Em autores cristãos, como Lactância (1. 21 *fin.*), já se encontra a construção *poetarum fictiones* (“as ficções dos poetas”); anteriormente, o termo é muito frequente em Quintiliano, não se encontrando entre os autores augustanos. Da mesma raiz, temos *fictor*, -oris s. m., “escultor”; e *fictilis*, -e adj., “feito de barro”. Para outras referências, ver LEWIS, C. T.; SHORT, C. *A new Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1891.

6 HARTOG, F. (Org.). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 119. Prefácios de historiadores e textos sobre história, reunidos e comentados por F. Hartog. Políbio no início de suas *Histórias* (1. 1-4) já polemiza com Aristóteles, ao propor uma história “universal”.

Um primeiro aspecto importante na passagem aristotélica, que chama atenção de nós, leitores modernos, é a afirmação de que historiador e poeta não se diferenciam por escrever prosa ou verso. De acordo com Aristóteles, se o texto de Homero fosse colocado em prosa, continuaria a ser poesia; se, por outro lado, o de Heródoto fosse posto em verso, continuaria a ser história. A diferença, porém, está em que um, o historiador, diz o que aconteceu, o fato, e o outro, o poeta, o que poderia acontecer, o verossímil. Se esses textos sempre tivessem sido considerados dessa maneira, portanto, não teria feito sentido cobrar que os poetas dissessem a verdade, pois não se proporiam a fazer isso. No entanto, já Xenófanes, no século VI a.C., antes de Platão, criticava Homero e Hesíodo por atribuírem erroneamente aos deuses o que é censurável (fr. 11 D.). Na crítica que se fez, portanto, nunca se consideraram os textos dos dois grandes aedos como “ficção”,⁵ termo inexistente para eles; antes, eram julgados de acordo com o que se considerava verdadeiro e assim tidos como textos formadores.

O confronto e a distinção aristotélicos serão retomados pelo historiador Políbio, que, em suas *Histórias* (2. 56. 11-12), passa a associar a um gênero (poesia/tragédia) a mentira, e a outro (historiografia), a verdade:

Os fins da história e da tragédia não são idênticos, mas contrários: nesta, é preciso, através de discursos absolutamente críveis, aturdir e fascinar os ouvintes no tempo presente; naquela, é preciso, através de *ações e discursos verdadeiros* [τῶν ἀληθινῶν ἔργων καὶ λόγων], para todo o tempo, instruir e convencer quem deseja aprender. [12] Isso porque, no primeiro caso, prevalece o crível, ainda que se trate de *mentira* [ψεῦδος], visando à ilusão dos espectadores; no segundo, o *verdadeiro* [τᾶληθές], visando ao proveito de quem gosta de aprender.⁶

Mas ao considerarmos a conhecida passagem da *Teogonia* de Hesíodo (vv. 27-8), *locus classicus* para a discussão sobre verdade e mentira (ou ainda “ficção”) na Antiguidade,⁷ vemos que a distinção não é tão simples, como à primeira vista pode parecer. Dizem as próprias Musas hesiódicas: “sabemos dizer muitas **mentiras** (*pseúdea*) semelhantes aos fatos, / e sabemos, quando queremos, proclamar **verdades** (*alethéa*)” (ἴδμεν ψεύδεα πολλὰ λέγειν ἐτύμοισιν ὅμοια, / ἴδμεν δ’, εὔτ’ ἐθέλωμεν, ἀληθέα γηρύσασθαι). Antes de mais nada, está claro, independentemente das interpretações que se façam, que mentiras e verdades se misturam no discurso das Musas. Portanto, não é tão simples a separação entre o discurso “fictício”, falso, e o “não fictício”, verdadeiro, na Antiguidade, cabendo, antes, entender como o autor se apresenta e o que entende por verdade e mentira. Como bem mostra Brandão,⁸ há várias espécies de mentiras (*pseúdea*), que podem ser observadas nos textos antigos, assim como algumas espécies de verdades. E, por fim, como as mentiras se assemelham aos fatos, fica ainda mais difícil distinguir o falso do verdadeiro.

Já se julgou que no trecho acima Hesíodo trata de dois tipos de poesia:⁹ as narrativas heroicas, como as de Homero, que são “semelhantes aos fatos”, e a poesia dele mesmo, Hesíodo, que, como se anuncia em *Os trabalhos e os dias* (v. 10: ἐγὼ δέ κε, Πέρση, ἐτήτυμα μυθησαίμην), se propõe a dizer verdades. É importante nessa discussão o confronto da passagem hesiódica com episódio da *Odisseia* (19. 164-204), em que Odisseu, disfarçado de mendigo, conversa com Penélope. Sem saber que está diante do marido, ela pergunta-lhe quem é e de onde veio. Responde Odisseu que é irmão de Idomeneu, Éton, e que hospedou o herói de Ítaca. Ao final da passagem, o narrador diz (v. 203: ἴσκει ψεύδεα πολλὰ λέγων ἐτύμοισιν ὅμοια) que Odisseu “representava **muitas mentiras**, dizendo coisas **semelhantes aos fatos**”. A semelhança com a passagem da

7 Para discussão das interpretações desse passo, indicamos BOWIE, E. L. Lies, fiction and slander in early Greek poetry. In: GILL, C.; WISEMAN, T. P. (Orgs.). *Lies and fiction in the ancient world*. Austin: University of Texas Press, 1993. p. 20-23.

8 BRANDÃO, J. L. *Antiga Musa: arqueologia da ficção*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2005. p. 132-1333.

9 BOWIE, E. L., op. cit., p. 21 e n. 24. *Contra* BRANDÃO, J. L., op. cit., p. 76-7.

Teogonia de Hesíodo (v. 28), citada anteriormente, é evidente: em negrito as mesmas palavras, nas mesmas posições. Para Wheeler¹⁰, “Hesíodo está deliberadamente confrontando-se com o mentiroso Odisseu”. Caso não se trate apenas de expressão formular,¹¹ Hesíodo rivaliza com Homero, opondo seu discurso verdadeiro ao das “muitas mentiras semelhantes aos fatos”. Teríamos aqui, então, a primeira tentativa de separação, de distinção de um discurso que trata de verdade, “não fictício”, e de outro que trata de mentiras semelhantes aos fatos, “fictício” ou, ainda, o “didático” Hesíodo em confronto com o “épico” Homero.

Figuras históricas exemplares

Tomemos agora a figura histórica de Sócrates, retratada em, pelo menos, três gêneros diversos, o que nos permite ter rico confronto para a discussão. O filósofo, que viveu em Atenas de 469 a 399 a.C., não só é personagem principal dos diálogos de Platão, mas também é retratado pelo comediógrafo Aristófanes e pelo historiador Xenofonte. Este último e Platão foram discípulos de Sócrates e retratam o mestre com admiração; Aristófanes, porém, o ridiculariza: sábio, para uns; tolo, para outro. A julgar pela *Apologia de Sócrates* (19c), de Platão, o retrato cômico feito por Aristófanes, em sua peça *As nuvens*, por exemplo, serviu para a imagem de um Sócrates ateu e sofista, ou seja, podemos dizer que o Sócrates platônico disputa com a imagem do Sócrates cômico, sem que se possa determinar qual se aproxima mais de um Sócrates histórico. No entanto, se se questiona na obra platônica o retrato de Sócrates feito por Aristófanes, não é menos questionável o retrato feito por Platão, que diz ser antiga a querela entre a filosofia e a poesia (*Rep.* X, 607b: *παλαιὰ μὲν τις διαφορὰ φιλοσοφία τε καὶ ποιητικῆ*). Assim, Santos,¹² ao confrontar o Sócrates de Platão, Aristófanes e Xenofonte, conclui da seguinte maneira:

10 WHEELER, G. Sing, Muse...: the introit from Homer to Apollonius. *The Classical Quarterly*, v. 52, n. 1, p. 34, 2002.

11 Assim considera BRANDÃO, J. L., op. cit., p. 77.

12 SANTOS, J. T. Sócrates e a filosofia dos diálogos platônicos. In: PLATÃO. *Éutifron, Apologia de Sócrates, Críton*. Tradução, introdução e notas de José Trindade dos Santos. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993. p. 133-134.

Os três Sócrates que a história da literatura nos legou deverão corresponder ponto por ponto aos bem diversos interesses e estaturas intelectuais dos seus criadores. Portanto, o problema da *historicidade* das várias imagens de Sócrates não poderá ser solucionado pela simples opção por qualquer uma delas, em detrimento das outras. Já que, embora alimentando-se de factos, *todas manifestamente se afirmam como obras de ficção*.

Portanto, Sócrates em Platão é personagem dramático tanto quanto em Aristófanes. O que vemos, portanto, é a construção de discursos (filosófico, cômico, historiográfico) que disputam a primazia, rivalizam, se delimitam para ocupar um espaço dominado durante muito tempo por Homero.

Poderíamos ampliar os exemplos, discutindo a representação de outras figuras históricas em diversos gêneros, mas ao nosso propósito vejamos apenas mais um caso de personagem bastante conhecido: o do legislador ateniense Sólon, estudado por Lefkowitz como um caso de construção de antigas biografias,¹³ gênero particular na Antiguidade. Plutarco, em *Vidas paralelas dos homens ilustres*, ao introduzir a vida de Alexandre (1. 2), distingue história de biografia ou vida (βίος /vita): “pois não escrevemos **histórias**, mas **vidas**” (οὔτε γὰρ ἱστορίας γράφομεν, ἀλλὰ βίους). O biógrafo volta-se para os grandes homens do passado que servirão de modelo, exemplo, a serem imitados pelos contemporâneos. Assim, nas palavras de Lefkowitz,¹⁴ “Solon served as an example of the just lawgiver”, argumentando que algumas das leis atribuídas a ele talvez não sejam de Sólon.¹⁵ Ele, porém, não está presente apenas em biografias, mas em narrativas históricas como modelo de sabedoria.

A figura de Sólon como um dos Sete Sábios da Grécia é importante, por exemplo, para Heródoto, em suas *Histórias* (1. 28-34), ao narrar o famoso encontro entre Cresos, rei da Lídia, conquistador de quase toda a Ásia Menor, e o sábio legislador grego, convidado a conhecer a riqueza do rei e dizer quem era o homem mais feliz que já tinha visto.¹⁶ O encontro provavelmente nunca ocorreu, pois, como se anota,¹⁷ em geral, as leis de

13 LEFKOWITZ, M. R. Patterns of fiction in ancient biography. *The American Scholar*, v. 52, p. 205-218, 1983.

14 *Ibid.*, p. 208.

15 *Ibid.*: “As for the factual text of his laws, we have nothing earlier than the laws of Draco and Solon, copied onto stone in 409 b.C. (one hundred fifty years after Solon’s time) from the wood axones (revolving wheels rather like postcard display stands) that stood in the marketplace. Anachronisms in some of the laws suggest that they came into being only in the early sixth century, two generations after Solon”.

16 Para estudo dessa passagem, com bibliografia, ver ASHERI, D. In: ASHERI, D.; LLOYD, A.; CORCELLA, A. *A commentary on Herodotus Books I-IV*. Organização de Oswyn Murray e Alfonso Moreno, com contribuição de Maria Brosius. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 97-99.

17 Boa discussão da passagem, com bibliografia, encontra-se em FERREIRA, J. R.; SILVA, M. F. *Heródoto. Histórias, livro I*. Lisboa: Edições 70, 2015. p. 6-8, 25-28.

18 MOLES, J. L. Truth and untruth in Herodotus and Thucydides. In: GILL, C.; WISEMAN, T. P. (Orgs.). *op. cit.*, p. 120.

19 Cícero, no diálogo *Das leis* (1.5), dirá que em Heródoto, “o pai da História”, e em Teopompo se encontram inumeráveis fábulas (*quamquam et apud Herodotum patrem historiae et apud Theopompum sunt innumerabiles fabulae*).

20 Comenta HARTOG, F., *op. cit.*, p. 53: “De chofre, o par antônimo e assimétrico gregos/bárbaros, gregos/não gregos. Nenhuma necessidade de justificar essa divisão da humanidade que os poemas homéricos, todavia, ignoravam. As

guerras médicas impuseram-na: as *Histórias*, a um só tempo, dão testemunho dela e contribuem para sua elaboração. Elas territorializam o bárbaro, cujo domínio se entende, daí por diante, ser a Ásia — e dão-lhe uma feição: sobretudo a do persa. Mas, para Heródoto, a *barbárie* é fundamentalmente política: em face dos gregos que vivem em cidades politicamente organizadas, o bárbaro é aquele que se mostra sempre incapaz de viver sem reis”.

- 21 Para o paralelo entre Heródoto e Sólon, ver BARAGWANATH, E. *Motivation and narrative in Herodotus*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 55-56. Com bibliografia na p. 55, n. 2.
- 22 Sobre a importância da visão em Heródoto, cf., por exemplo, a famosa história de Gíges e Candaules (1. 5-13), em que o rei Candaules faz seu guarda pessoal Gíges ver a mulher nua para que acredite em seu relato de como a esposa era formosa, “pois sucede que os ouvidos dos homens são menos crédulos que seus olhos” (ὅσα γὰρ τυγχάνει ἀνθρώποισι εἶναι ἀπιστότερα ὀφθαλμῶν). Para estudos da história e do provérbio, cf. ASHERI, D., op. cit., p. 81-82.
- 23 Para estudo da retórica na historiografia, grega e latina, remetemos ao já clássico livro de WOODMAN, A. J. *Rhetoric in classical historiography: four studies*. Londres e Nova York: Routledge, 1988. Sobre a questão, em particular na historiografia romana, ver CHIAPPETTA, A. “Não diferem o historiador e o poeta...” O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho, *Língua e Literatura*, v. 22, p. 15-34, 1996, em que discute como os historiadores “buscavam retoricamente uma aproximação da verdade” (p. 15).
- 24 MARINCOLA, J. *Herodotus and poetry of the past*. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Orgs.). *The Cambridge companion to Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 13-28.
- 25 HARTOG, F., op. cit., p. 36. Confronte-se, porém, com o que o próprio autor diz em HARTOG, F. *Memoria di Ulisse. Racconti sulla fronteira nell'antica Grecia*. Torino: Einaudi, 2002 (1. ed. 1996). p. 47-48.

Sólon são de 590 a.C., enquanto a ascensão de Creso ao trono se deu por volta de 560 a.C. Já os autores antigos, como Plutarco (*Sólon* 27. 1), observavam o problema cronológico. No entanto, no biógrafo, o fato histórico é sacrificado, como diz Moles,¹⁸ para que Plutarco possa expor um modelo de caráter, verdades morais. Se assim é, o historiador narra como um poeta, ou seja, conta não o que aconteceu, mas, em termos aristotélicos, o que poderia acontecer segundo a necessidade e a verossimilhança.¹⁹

Poderíamos, então, especular por que o historiador faz isso. É possível ver na narrativa de Heródoto alguns aspectos importantes para a construção de sua obra: antes de mais nada, a oposição entre gregos (o sábio Sólon) e bárbaros (o rei Creso) é questão importante em suas *Histórias*, colocada logo em seu prefácio (1. 1).²⁰ Além disso, as viagens que Sólon fez para conhecer o mundo são modelares para o historiador que precisa,²¹ sobretudo, ver ou ouvir de alguém que viu, para narrar o que aconteceu, diferentemente do aedo homérico, em geral cego, que narra o que não viu, nem poderia ter visto.²² Enfim, a narração do encontro entre Sólon e Creso não só, como será também em Plutarco, apresenta um modelo de caráter, mas também poderia servir retoricamente para exemplificar a tarefa do próprio historiador.²³ Assim, se Heródoto se afasta dos poetas, em muitos sentidos, por vezes se vale dos expedientes dos antigos poetas, como afirma Marincola:²⁴ “*Herodotus, then, was profoundly influenced by the subject matter, the concerns, and at times even the methods of his poetic predecessor*”.

Essa oposição entre narrar o que se viu e o que não se viu encontra-se — e os historiadores citam isso, como veremos — na *Odisseia* de Homero. Odisseu é o modelo, o protótipo do historiador, porque narra o que viu, viajando e conhecendo os costumes de vários povos (*Odisseia* 1. 1-5), como o Sólon ou o próprio Heródoto. Assim Hartog descreve o “historiador” Odisseu:²⁵

Mesmo se a *Odisseia* o apresenta como um viajante a contragosto, essa experiência do mundo, direta e penosamente adquirida, fará dele uma figura inspiradora da historiografia, de Heródoto a Políbio — e mesmo mais além: o historiador verdadeiro será aquele que não economiza nem seu tempo, nem sua pena, nem seu dinheiro para percorrer os espaços e ver com seus próprios olhos. Essa exigência — ou essa reivindicação — será, durante muito tempo, o fundamento de sua autoridade pelo menos na Grécia.

Sobre esse aspecto é muito clara a passagem em Políbio (*Histórias*, 12. 27), em que, citando Odisseu, homem de ação, tal como deve ser o historiador, ressalta a importância da visão, comparada à audição, e destaca que é parte principal da história o conhecimento direto dos fatos:

Pois nós temos, por natureza, como que dois instrumentos com os quais tudo aprendemos e investigamos, a audição e a vista, sendo muito mais verdadeira a vista, conforme Heráclito, pois os olhos são testemunhas mais exatas que os ouvidos. Timeu, dos dois caminhos, lançou-se pelo mais agradável, embora pior para a investigação. Com efeito, afastou-se completamente do que se transmite pela vista, trocando-o pelo transmitido pela audição: sendo esta como que bipartida, tomou a parte transmitida pelas obras dos memorialistas e deu as costas, indiferentemente, à parte que exige inquirição, como mostramos nos livros acima. [...] Ora, o conhecimento direto dos fatos exige certamente muita fadiga e despesas, mas importa muito, sendo a parte principal da história. Comprova-mo o que declararam os próprios historiadores: Éforo diz que, se lhes fosse possível presenciar todos os fatos, a história diferiria muito do que se pratica; e Teopompo diz que o melhor em matéria de guerra é quem se expôs ao maior número de perigos [...]. Ainda de modo mais claro falou o poeta: querendo mostrar-nos o que deve ser o homem de ação, apresenta a personagem de Ulisses [Odisseu] nestes termos [cita *Odisseia* 1. 1-5].²⁶

Historiadores rivalizam com Homero e entre si

Assim, tanto Políbio, como Heródoto e Tucídides, guardadas as devidas diferenças, veem-se, por um lado, como herdeiros de Homero, sendo **Heródoto “o mais homérico”**,²⁷ segundo Pseudo-Longino, no *Do Sublime* (13. 3: μόνος Ἡρόδοτος Ὀμηρικώτατος ἐγένετο);²⁸ Por outro lado, todos afastam-se de Homero de muitos modos e rivalizam entre si. Diferentemente do aedo, por exemplo, os historiadores se nomeiam logo no início de suas obras, a começar por Hecateu de Mileto, que estabelece um modelo para os sucessores (fr. 1): “Hecateu de Mileto narra da seguinte maneira: es-

26 Tradução de Jacyntho Lins Brandão. In: HARTOG, F., op. cit., 2001, p. 121-123.

27 Para a relação entre Homero e Heródoto, ver BARAGWANATH, E., op. cit., p. 35-54, com recolha bibliográfica na n. 2 (p. 35).

28 Pseudo-Longino diz ainda que homéricos também foram Estesícoro e Arquíloco, mas mais do que todos foi Platão.

29 Essa fórmula de introdução parece existir já anteriormente em autores arcaicos e será fórmula frequente nos historiadores posteriormente, como mostra ASHERI, D., op. cit., p. 72.

crevo [γράφω: *grápho*] estas coisas, como me parecem ser verdadeiras [ἀληθέα: *alethéa*], pois os relatos [λόγοι: *lógoi*] dos gregos são, no meu entender, muitos e ridículos [γελοῖοι: *geloiói*].” As primeiras palavras são o nome do autor e o local de origem.²⁹ A narrativa escrita é produto de um homem, e não é canto inspirado pelas Musas, como na *Odisseia*. Esse autor de genealogia e etnografia/geografia, da segunda metade do século VI a.C., certamente foi modelo para Heródoto,³⁰ que assim começa suas *Histórias*:

De Heródoto de Halicarnasso esta é a exposição [ἀπόδειξις: *apódexis*] das investigações [ἱστορίας: *historíes*], para que os feitos dos homens se não desvançam com o tempo, nem fiquem sem renome [ἀκλεῖα: *akleá*] as grandes e maravilhosas empresas [ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά: *érga megála te kai thomastá*], realizadas quer pelos Helenos quer pelos Bárbaros; e sobretudo a razão [αἰτίην: *aitíen*] por que entraram em guerra uns com os outros.³¹

As primeiras palavras, como em Hecateu, são o nome do autor e o local de origem. Portanto, se Heródoto está a observar com os próprios olhos os fatos para narrá-los, não deixa, porém, de ter os relatos passados, os textos de outros prosadores, como modelo de suas *Histórias*.

Assim, funda-se um modelo de escrita, o gênero historiográfico, aspecto importante para a nossa discussão e relevante para a formação de um escritor.

Antes, porém, de discutir esse outro aspecto — o historiador como modelo de escrita —, devemos ainda analisar com um pouco mais de detalhe o prefácio de Heródoto, que, diferentemente de Hecateu, não menciona a verdade ou o que lhe pareceu verdadeiro. Antes, a exposição [ἀπόδειξις: *apódexis*] de Heródoto tem como finalidade:³² 1) não deixar que os feitos dos homens caiam no esquecimento (“para que os feitos dos homens se não desvançam com o tempo”); 2) dar glória [κλέος: *kléos*] às “grandes e maravilhosas empresas” [ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά: *érga megála te kai thomastá*] tanto de gregos como de bárbaros; e, sobre-

30 Cf., por exemplo, a menção de Heródoto, nas *Histórias*, ao “prosador”, “fazedor de relatos” (λογοποιός) Hecateu (2. 143. 1; 5. 36. 2; 5. 125. 1). Para estudo da relação entre os dois, ver FOWLER, R. Herodotus and his prose predecessor. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Orgs.), op. cit., p. 35-38.

31 Tradução de José Ribeiro Ferreira, com modificação da ordem das palavras iniciais para que se veja, de modo mais claro, a retomada de Hecateu. In: FERREIRA, J. R.; SILVA, M. F., op. cit., p. 53. Para leitura minuciosa desse prefácio, remetemos a GOLDHILL, S., op. cit., p. 11-15; MOLES, J. L., op. cit., p. 92-94, que comenta (p. 94) a identificação do autor logo no início da obra: “Quite unhomeric, however, is the proud obstrusion of the historian’s identity in the first two words — a pattern already set by Hecataeus and followed by Thucydides and many later historians”.

32 O termo pode ser traduzido aqui como “publicação” ou “performance” (discussão em ASHERI, D., op. cit., p. 72-73. Para discussão sobre o termo em Heródoto, ver importante artigo de NAGY, G. Herodotus the Logios, *Arethusa*, v. 20, p. 175-184, 1987.

tudo, 3) dar a razão/ causa [αἰτία: *aitía*] da guerra entre gregos e bárbaros.

Como já foi bem estudado,³³ o historiador tem também Homero como modelo nessa declaração inicial: a ideia de glorificar as empresas dos homens se reporta à passagem da *Ilíada* (9. 189), em que Aquiles se encontra cantando os *kléa andrôn* (κλέα ἀνδρῶν); a causa da guerra é, em geral, associada ao passo inicial da *Ilíada* (1. 8), em que se pergunta qual dos deuses colocou em conflito Aquiles e Agamêmnon; “as empresas maravilhosas” (ἔργα θαυμαστά), aspecto fabuloso das narrativas, relaciona-se com os relatos de Odisseu e com aspecto encomiástico da obra, reconhecido já entre os antigos.³⁴ Assim, se nessa investigação (ιστορία: *historía*) a verdade pode estar implicada,³⁵ não há ênfase sobre ela, como ocorrerá no sucessor e êmulo, Tucídides.

No primeiro prefácio da *História da Guerra do Peloponeso* (1. 1-23), podemos ver como Tucídides tem Heródoto como modelo e êmulo, assim como este último tinha Hecateu, ao iniciar, antes de mais nada, da mesma maneira que seus antecessores com o nome e a origem. Vejamos, porém, com mais detalhe o primeiro parágrafo (1. 1):

Tucídides de Atenas escreveu [ξυνέγραψε: *xynégrapse*] a guerra dos peloponésios e atenienses, como guerrearam uns contra os outros, tendo começado logo que ela se desencadeou e tendo previsto que viria a ser grande e mais digna de nota que as acontecidas antes — tomando como indício o fato de ambos os lados se encontrarem no ápice de todos os seus recursos e, de resto, vendo que os outros gregos a eles se aliavam, uns logo, outros pelo menos em projeto. Pois este abalo foi o maior para os gregos e para certa parte dos bárbaros — e, pode-se mesmo dizer, estendeu-se à maior parte da humanidade.³⁶

Os ecos do prefácio de Heródoto são evidentes:³⁷ não só, como já assinalamos, o nome e a origem, palavras iniciais da obra, como também, por exemplo, o destaque para a grandeza dos feitos a serem narrados e a oposição entre gregos e bárbaros.³⁸

33 Por exemplo, MOLES, J. L., op. cit., p. 93-94; WOODMAN, A. J., op. cit., p. 1-4; ASHERI, D., op. cit., p. 9.

34 Cf., por exemplo, Dionísio de Halicarnasso (*Carta a Pompeu* 3); Plutarco (*Sobre a malignidade de Heródoto* 826a, 867c).

35 Para a importância desse termo, que dará nome ao gênero — nesse sentido podemos chamar Heródoto “pai da História” —, ver HARTOG, F., op. cit., p. 50-52, 2001, em que mostra a relação etimológica com *ver*, ἰδεῖν (*idein*: *ver*). Diz o autor francês (p. 51): “Daí em diante, para ‘ver’ é preciso arriscar-se (ir ver) e aprender a ver (recolher testemunhos, reunir as diferentes versões, relatá-las, classificá-las em função do grau de verossimilhança”. Para o termo em outros passos da obra, ver ASHERI, D., op. cit., p. 8.

36 Tradução Jacyntho Lins Brandão. In: HARTOG, F., op. cit., 2001, p. 57.

37 Para um confronto mais detalhado dos prefácios e estudo pormenorizado do longo prefácio de Tucídides, ver MOLES, J. L., op. cit., p. 99-107; HORNBLLOWER, S. A commentary on Thucydides I. Oxford: Clarendon Press, 1991. p. 3-66; WOODMAN, A. J., op. cit., p. 5-32. Para um estudo mais amplo sobre a herança de Heródoto e da épica em Tucídides, ver RENGAKOS, A. Thucydides’ narrative: the epic and Herodotean heritage. In: RENGAKOS, A.; TSAKMAKIS, A. *Brill’s companion to Thucydides*, Leiden

e Boston: Brill, 2006. p. 279-300; para a relação intertextual entre Tucídides e Heródoto, ver ROGKOTIS, Z. Thucydides and Herodotus: aspects of their intertextual relationship. In: RENGAKOS, A.; TSAKMAKIS, A., *ibid.*, p. 57-86.

- 38 A grandiosidade do assunto narrado passa a ser um *tópos* da historiografia grega (cf. MARINCOLA, J. *Authority and tradition in ancient historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 34-43). Como técnica para mostrar a grandiosidade, o escritor antigo se vale da amplificação (αὐξησις = *amplificatio*). Sobre a particularidade dessa ideia em Tucídides, ver abaixo.
- 39 Sobre o ato de escrever em Tucídides, com detalhado estudo sobre o verbo na obra, ver EDMUNDS, L. Thucydides in the act of writing. In: RUSTEN, J. S. (Org.). *Oxford readings in classical studies: Thucydides*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 91-113. Cf. também BAKKER, E. J. Contract and design: Thucydides' writing. In: RENGAKOS, A.; TSAKMAKIS, A., *op. cit.*, p. 109-129. Confronte o *syngráphein* de Tucídides com a "exposição/performance" [ἀπόδειξις: *apódexis*] no prefácio de Heródoto.
- 40 Sobre a importância da escrita e de Hecateu na constituição do gênero historiográfico, ver BERTELLI, L. Hecateus: from genealogy to historiography. In: LURAGHI, N. (Org.). *The historian's craft in the age of Herodotus*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 67-94.

Se nas duas palavras iniciais podemos ver Heródoto, na terceira, com o verbo συγγράφειν (*syngráphein*: escrever, registrar por escrito),³⁹ termo que se tornará comum para indicar a atividade historiográfica (em latim *scriptor*), temos um distanciamento de Heródoto, por um lado, e uma aproximação, por outro, de Hecateu, que começa suas *Genealogias*, como vimos acima, com γράφειν (*gráphein*: escrever).⁴⁰ Mas a diferença e a rivalidade, assim como o caráter retórico, ficam mais evidentes nos quatro parágrafos finais (1. 20-3), em que aparece o "método" de Tucídides. Primeiramente (1. 20. 3),⁴¹ há a explicitação da verdade (ἀλήθεια),⁴² como busca incansável da pesquisa (ἡ ζήτησις: *hezétesis*), que se contrapõe aos tempos antigos em que os homens recebiam, sem provas, as tradições do passado (1. 20. 1);⁴³ pesquisa que não é realizada pela maioria, que se volta ao que é mais fácil (1. 20. 3). Em seguida (1. 21. 1), distingue-se de poetas,⁴⁴ que adornam os fatos para torná-los maiores,⁴⁵ e dos logógrafos, que compõem para serem mais atraentes ao auditório, em vez de verdadeiros.

Capítulo particular neste prefácio de Tucídides é o 22, como, em geral, apontam os comentadores.⁴⁶ Embora longo, citemos o trecho por inteiro:

22. [1] De quanto foi dito em discursos [λόγῳ: *lógoi*] por cada um, a ponto de entrar em guerra ou já estando nela, era difícil recordar com exatidão [ἀκριβείαν: *akribéian*] cada palavra, tanto para mim, quando eu próprio as escutei, quanto para os que me informavam a partir de alguma outra fonte. Como me parecia que cada um teria falado o que devia sobre a situação do momento, atendo-me o mais próximo possível ao sentido geral do que foi verdadeiramente [ἀληθῶς: *alethôws*] dito, é assim que tudo se dirá. [2] Quanto aos feitos realizados na guerra, decidi escrever [γράφειν: *gráphein*] não recolhendo informações junto de qualquer um, nem como me pareciam ser, mas os que eu próprio presenciei, tendo ainda checado cada um deles, com a maior exatidão [ἀκριβείᾳ] possível, junto de outros. [3] Com muito trabalho eles se descobriam, porque os presentes a cada um dos feitos não diziam as mesmas coisas sobre os mesmos, mas de acordo com a simpatia ou lembrança que tinham. [4] Para o auditório, também a ausência do fabuloso [μυθῶδες: *mythôdes*] nos fatos relatados parecerá desagradável; mas, se todos os que quiserem examinar com clareza o que aconteceu (e o que porventura, conforme o humano, será de novo igual ou semelhante ao acontecido) os julgarem úteis [ὀφέλιμα: *ophélima*], será o suficiente. Trata-se de aquisição para sempre [κτῆμα ἐς αἰεὶ: *ktêma es aiei*], mais que de uma peça para um concurso, a ser ouvida de momento.

O primeiro aspecto muito debatido e que chama atenção é em relação aos discursos reportados, abundantes na obra de Tucídides.⁴⁷ Embora buscasse exatidão (ἀκρίβεια: *akríbeia*), seja ao reportar as falas, que as escutou, seja ao reportar os feitos, que os presenciou, não conseguiu quanto às primeiras, mas apenas quanto aos últimos. Tucídides, portanto, advertiu o leitor de que não verá com exatidão os discursos, reportados como lhe pareceram convenientes ao momento, ou seja, discursos retoricamente reportados. A advertência de Tucídides lembra aquela de alguns filmes: “baseado em fatos reais”. Assim, assevera Moles:⁴⁸ “*the important point here is that Thucydides’ conception of truth is becoming something much more complex than mere factual truth. His speech material is a mixture of factual truth and imaginative truth, specific truth and general truth*”. Por outro lado, os feitos são *escritos, grafados*, reportados com a maior exatidão possível, visando, não o agradável — que se dá pelo fabuloso —, mas o útil.⁴⁹ A história do presente — única realmente possível —, vivenciada pelo autor, servirá de modelo para as gerações futuras, uma “aquisição para sempre” (κτῆμα ἐς αἰεῖ: *ktêma es aiei*), pois essa, a guerra do Peloponeso, foi a maior de todas (1. 23),⁵⁰ que coincidiu com extraordinários eventos naturais (1. 23. 3).

Historiadores como modelos de escrita

Como vimos até aqui, a história se mostra como um gênero de discurso, que, ao surgir, se confronta com outros gêneros, e os historiadores também rivalizam entre si. Assim, os autores — o que também talvez possa parecer estranho — são vistos como modelos de escrita, cujos exemplos são abundantes nos tratados de retórica. Esse aspecto — por vezes o único enfatizado — não pode ser subestimado ou simplesmente deixa-

41 “Assim isenta de fadiga é a pesquisa da verdade para a maioria, que se volta para o que é mais fácil.” Tradução de Jacyntho Lins Brandão. In: HARTOG, F., op. cit., p. 79.

42 Primeira ocorrência no texto, que será enfatizada ao se insistir com o adjetivo em 1. 21. 1; o advérbio em 1. 22. 1; e novamente o adjetivo em 1. 23. 6. “Verdade” como aspecto importante do discurso do método. Para a ideia de “verdade” em Tucídides, ver SEBASTIANI, B. B. O problema da verdade em Tucídides. In: WERNER, C.; LOPES, A. D.; WERNER, E. (Orgs.). *Tecendo narrativas: unidade e episódio na literatura grega antiga*. São Paulo: Humanitas, 2015. p. 201-222. Ver também SEBASTIANI, B. B. Fracasso e verdade na recepção de Políbio e Tucídides. espec. p. 75-92. (No prelo).

43 “Ora, descobri que assim foram os tempos antigos, sendo difícil crer sistematicamente em todo indício, pois os homens recebem uns dos outros, sem provas, as tradições do passado, mesmo as de sua própria terra.” Tradução de Jacyntho Lins Brandão. *Ibidem*.

44 Para delimitação das fronteiras desse novo gênero praticado por Tucídides, em relação a poetas e logógrafos, remetemos a CORCELLA, A. The New Genre and its Boundaries: Poets and Logographers. In RENGAKOS, A. & TSAKMAKIS, A., op. cit., p. 33-56.

45 Nesse sentido, Tucídides já tinha mencionado Homero como poeta que adorna os fatos para torná-los maiores (cf. 1. 10. 3).

46 Cf., por exemplo, HORNBLLOWER, S. Op. cit., p. 59. Nas (exageradas) palavras de MOLES, J. L., op. cit., p. 104: “No passage in Greek literature has generated greater interpretative controversy, yet none is so important for our understanding of ancient historiography”.

47 Algumas poucas referências sobre o assunto: PELLING, C. Thucydides’ Speeches. In RUSTEN, J. S., op. cit., p. 176-187; MORRISON, J. V. Interaction of Speech and Narrative in Thucydides. In RENGAKOS, A.; TSAKMAKIS, A., op. cit., p. 251-277; MOLES, J. L., op. cit., p. 104-5; ROKEAH, D. Speeches in Thucydides: factual reporting or creative writing?,

Athenaeum, v. 60, p. 386-401, 1982; WILSON, J. What does Thucydides claim for his speeches?, *Phoenix*, v. 36, p. 95-103, 1982.

48 MOLES, J. L., op. cit., p. 105-106.

49 Vale aqui lembrar passagem de Políbio (1. 4. 11), em que une o útil ao agradável: “Portanto, apenas a partir do entrelaçamento e da comparação de todos os feitos uns com os outros — e ainda a partir de suas semelhanças e diferenças — alguém poderia dispor da capacidade e da possibilidade de, pela observação, tirar da história, a um só tempo, tanto o **útil**, quanto o **prazeroso**”. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. In: HARTOG, F., op. cit., p. 117. Porém, a ideia de utilidade será lugar comum entre os historiadores: cf. Tito Lívio, *Prefácio* 10; Tácito, *Anais* 4. 32. 2; Luciano, *Como se deve escrever a história*, 42.

50 Sobre a questão da “grandeza” do evento histórico narrado, vale citar CANFORA, L. *Teorie e tecnica della storiografia classica*. Roma e Bari: Editori Laterza, 1996. p. 4-5: “*E proprio dell' 'archeologia' [de Tucídides] è stata misconosciuta una rilevante implicazione teorica: che cioè nessun evento quanto commisurato ad altri dal punto di vista della 'grandezza'. Non basterà dunque narrare [...] la storia delle guerre persiane (il precedente erodoteo è sempre presente), se poi non saprà valutare come questo evento, pur 'grandissimo' rispetto ai precedenti, sia ben poca cosa [...] rispetto all'immane conflitto ventisettennale. Un evento cioè, nella concezione tucididea, viene **conosciuto come evento storico** non nella sua mera puntualità, ma nell'ambito di una categoria del sapere storico, qual è appunto, per Tucídide, il concetto di 'grandezza'.*” (Grifo nosso)

51 Cf. WOODMAN, A. J. From Hannibal to Hitler: the literature of war. *University of Leeds Review*, v. 26, p. 107-124, 1983. Defende que se deve antes fazer uma abordagem “literária” dos textos historiográficos (p. 20): “*Our primary response to the texts of the ancient historians should be literary rather than historical since the nature of the texts themselves is literary*”.

52 De acordo com MOLES, J. L., op. cit., p. 90, “*modern historians naturally dislike such views, because they*

do de lado,^{51,52} quando lemos os historiadores, gregos e latinos. Para ficarmos em poucos exemplos, comecemos com Dionísio de Halicarnasso, que, no século I a.C., compôs vários tratados retóricos em que julga a elocução (λέξις: *léxis*) de Heródoto e Tucídides.⁵³ Em seu tratado *Sobre Tucídides*, diz (5) que antes de tratar do autor da *Guerra do Peloponeso* passará em revista os outros historiadores (συγγραφής: *syngraphês*). Ao concluir o capítulo, diz a respeito de seu conterrâneo que “ele acrescentou a sua elocução as virtudes [ἀρετάς: *aretás*] que os outros historiadores negligenciaram”. No mesmo tratado ainda (23), diz que Heródoto foi superior aos antecessores na escolha [ἐκλογήν: *eklogén*] e composição [σύνθεσιν: *sýnthesin*] das palavras, assim como no uso variado da linguagem figurada, de tal modo que seu discurso pedestre se assemelhasse à poesia.⁵⁴ A esse Dionísio contrapõe Tucídides (24), que, na escolha de palavras, preferiu as metafóricas [τροπικὴν: *tropikén*], as obscuras [γλωττηματικὴν: *glottematikén*], as arcaicas [ἀπηρχαιωμένην: *aperchaioménen*] e estrangeiras [ξένην: *xénen*] às comuns [κοινής: *koinês*]. O autor continua a caracterizar a elocução de Tucídides, tratando ainda da composição das palavras e das figuras, concluindo que a elocução dele se distingue dos demais por quatro aspectos: invenção de palavras, variação de figuras, aspereza na junção de palavras e rapidez na significação (τὸ ποιητικὸν τῶν ὀνομάτων, τὸ πολυειδὲς τῶν σχημάτων, τὸ τραχὺ τῆς ἀρμονίας, τὸ τάχος τῶν σημασιῶν). Assim, a simplicidade e a clareza da elocução de Heródoto serão contrapostas à dificuldade e obscuridade [ἀσαφής: *asaphês*] da *léxis* de Tucídides.

Porém, se a elocução é elogiada em Dionísio de Halicarnasso, essa virtude que atrai os leitores pode ser vista também negativamente, como faz Plutarco, em seu *Sobre a malignidade de Heródoto*, que, ao cen-

surar o historiador como φιλοβάρβαρος (*philobárbaros*, cf. 12), diz (1) que a elocução simples [ἀφελής: *aphelés*], sem dificuldade, passando facilmente de uma ação à outra, já enganou [ἐξηπάτηκε: *exepáteke*] muitos. Assim, Heródoto é tão virtuoso escritor que é capaz de enganar, de fazer com que se acredite em mentiras. Nesse sentido, é preciso estar atento à elocução do historiador, não só para imitá-lo, mas também para não ser seduzido e enganado.

Por vezes, Heródoto e Tucídides são aproximados, como faz Demétrio,⁵⁵ no tratado *Sobre a elocução* (2. 44), em que cita o início das duas obras para exemplificar o uso de membros [κῶλα: *kôla*] largos, extensos, que contribuem para a grandeza da elocução. Na sequência (2. 45), Tucídides (2. 102) é exemplo da construção periódica, que, de acordo com Demétrio, dá elevação à elocução. O autor ainda compara (2. 48) o texto de Tucídides a um homem que anda tropeçando, quando está em um caminho pedregoso, a ilustrar a dificuldade do texto, considerado, porém, virtuoso.

Assim, Heródoto e Tucídides passarão ao mundo romano como modelos de escrita, como vemos em Cícero (*Do orador* 2. 55-56):

[...] o famoso Heródoto, que foi o primeiro a ornar esse gênero, não se ocupou absolutamente de processos, segundo a tradição que recebemos; todavia, tanta é sua eloquência que eu, certamente, tanto quanto posso entender o que se escreve em grego, me regalo extremamente com ela. [56] Depois dele, Tucídides, segundo minha opinião, ultrapassou facilmente a todos pela arte de sua linguagem; ele é tão denso em numerosos domínios, que conseguiu ter quase tantas palavras quanto pensamentos; mais ainda, sua dicção tem tanta proporção e tensão, que não se sabe se os fatos dão brilho ao estilo ou a língua ao pensamento.⁵⁶

Vejamos ainda, por fim, como Quintiliano, rétor latino, no século I d.C., aconselha que o orador se molde também na leitura dos historiadores, quando compara Salústio a Tucídides e Tito Lívio a Heródoto (*Instituições oratórias*, 10.1.101-4):

challenge the very basis of ancient history as an intellectual discipline, since the 'evidence', at almost all periods, consists overwhelmingly of literary texts. While most historians concede that ancient historiographical texts are in some senses 'literary', they nevertheless insist that this 'literary' aspect is detachable and there is solid fact underneath". Boa discussão também em CHIAPPETTA, A., op. cit., p. 15-19. Cf. também DOVER, K. J. Thucydides "as History" and "as Literature". *History and Theory*, v. 22, p. 54-63, 1983.

53 Termo, por vezes, traduzido por "estilo"; termo que indica, *grosso modo*, uma das partes da elaboração do discurso, prosaico ou poético, em que o autor escolhe as palavras adequadas à matéria.

54 Sem ser exaustivo, Dionísio elogia a elocução de Heródoto no *Da composição das palavras* 10, no *Sobre Demóstenes* 41, e na *Epístola a Pompeio* 3, em que o compara a Tucídides.

55 Controversa a datação do autor, normalmente situado entre o I a.C. e I d.C.

56 Tradução de Jacyntho Lins Brandão. In: HARTOG, F., op. cit., p. 147.

57 Caio Salústio Crispo (87/86 a.C. a 35/34 a.C.) escreveu monografias históricas: a *Conjuração de Catilina*, a *Guerra de Jugurta* e *Histórias*. Esta última não nos chegou completa e narra os acontecimentos de 78

101. Mas a nossa historiografia não foi inferior à dos gregos. Eu não hesitaria em comparar Salústio com Tucídides,⁵⁷ nem se indigne Heródoto de que Tito Lívio lhe seja igualado;⁵⁸ [esse] não só possui admirável encanto e a mais luminosa clareza nas narrações mas também é eloquente nos discursos além do que se pode expor; destarte, tudo o que ele diz é adequado não só aos assuntos, mas também às personagens; decerto, quanto às afecções — e sobretudo as que são mais suaves —, para dizer muito brevemente, nenhum historiador as valorizou mais. **102.** E por isso alcançou, com diferentes virtudes, a rapidez imortal de Salústio. Pois parece-me ter dito notavelmente Servílio Noniano:⁵⁹ que eles são mais iguais do que semelhantes; esse, que nós mesmos escutamos, é famoso pelo vigor de seu engenho e cheio de máximas, mas é menos preciso do que a autoridade da história postula. **103.** Aufídio Basso,⁶⁰ que o precede muito pouco no tempo, sobressaiu-se notavelmente nesse mesmo gênero, sobretudo nos livros da *Guerra Germânica*; louvável em tudo, mas em certas partes ele mesmo é inferior às suas forças. **104.** Vive ainda e adorna a glória de nosso tempo um varão digno da memória dos séculos, que algum dia terá fama; agora é reconhecido. A liberdade de Cremúcio,⁶¹ não sem mérito, tem admiradores, embora tenha sido cortado o que, por ter dito, lhe causara a morte. Mas ainda podes descobrir, nos escritos que nos restam, máximas audazes e um espírito inteiramente elevado. Há também outros bons escritores, mas nós apenas tocamos de leve os gêneros, não examinamos bibliotecas.

a.C. a 67 a.C. Salústio parece ter Tucídides como modelo e emprega muitos helenismos e arcaísmos em sua prosa. Para outro juízo sobre o historiador, especificamente sobre sua elocução, citamos Sêneca, *Ep.* 114, 17: “*Sic Sallustio uigente anputatae sententiae et uerba ante expectatum cadentia et obscura breuitas fuere pro cultu*” (“Assim, quando Salústio estava em voga, suas sentenças desconexas, seus discursos que se interrompem antes do esperado e sua concisão obscura foram considerados como elegância”). Embora arcaizante e paratático, considera-se Salústio renovador na escrita historiográfica romana, assim como fizeram Cícero, na oratória, e os *poetae noui*.

58 Tito Lívio (59 a.C. a 17 d.C.) escreveu a história de Roma (*Ab Vrbe Condita*), desde a sua fundação até o ano 9 d.C., em 142 livros, divididos pelos copistas em *décadas* (conjunto de dez livros). Da obra, chegaram até nós os livros I-X, XXI-XLV e alguns fragmentos de outros.

59 Servílio Noniano, morto em 60 d.C., amigo de Pérsio, era conhecido como orador e historiador.

60 Aufídio Basso, que viveu na época de Augusto, escreveu duas obras históricas: a mencionada por Quintiliano, a *Guerra Germânica*, e outra sobre os acontecimentos romanos até a morte de Cláudio. Há poucos fragmentos de suas obras.

Assim, ao examinar os autores antigos, desde Homero e Hesíodo, vemos que verdade e mentira estão misturadas no relato das Musas. Embora os primeiros prosadores, ao emularem seus modelos poéticos, proponham um discurso verdadeiro, também se valem de “ficções”, já que forjam um texto, com os expedientes retóricos, não só para fundarem um novo gênero, ao se confrontarem com os outros, mas também para se contraporem a outros do mesmo gênero. Esses discursos, ao instituir a historiografia, gênero que se caracteriza por buscar a verdade, tornam-se modelos de escrita, como é claro nos testemunhos antigos, ou seja, a verdade proposta é sempre uma construção textual, que sempre está em disputa entre poetas, historiadores, oradores e filósofos da Antiguidade. No entanto, o debate não se limita ao mundo antigo, como se pode perceber em um passo d’*Os Lusíadas* (1. 11-12), do poeta Camões, que, ao rivalizar com as Musas antigas, afirma forjar em seu canto a verdade, ao cantar personagens históricos portugueses:

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,

Fantásticas, fingidas, mentirosas,

Louvar os vossos, como nas estranhas

Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,
Um Egas e um Dom Fuas, que de Homero
A cítara par' eles só cobiço;
Pois polos Doze Pares dar-vos quero
Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço;
Dou-vos também aquele ilustre Gama,
Que para si de Eneias toma a fama. ■

61 Cremúcio Cordo, historiador do tempo de Tibério (imperador de 14 d.C. a 37 d.C.), escreveu duas obras: uma sobre guerra civil e outra sobre o reinado de Augusto. Foi condenado por ter elogiado os assassinos de César, Bruto e Cássio. Conta-se que por decreto do Senado seus escritos foram queimados, mas sua filha escondeu algumas cópias e, sob Calígula, reeditou a obra do pai com alguns cortes.

Alexandre Pinheiro Hasegawa

Doutor em Letras Clássicas pela USP, professor de Língua e Literatura Latina da Universidade de São Paulo. É coordenador do VerVe (*Verbum Vertere*), grupo de pesquisa sobre poética e tradução de textos latinos e gregos, e autor de *Os limites do gênero bucólico em Vergílio: um estudo das églogas dramáticas* (Humanitas, 2012). Dedicou-se, sobretudo, ao estudo das *Odes* de Horácio. Email: ahasegawa@usp.br.

Referências bibliográficas

- ASHERI, D.; LLOYD, A.; CORCELLA, A. *A commentary on Herodotus. Books I-IV* Organização de Oswyn Murray e Alfonso Moreno, com contribuição de Maria Brosius. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BAKKER, E. J. Contract and design: Thucydides' writing. In: RENGAKOS, A.; TSAKMAKIS, A. *Brill's companion to Thucydides*. Leiden e Boston: Brill, 2006. p. 109-129.
- BARAGWANATH, E. *Motivation and narrative in Herodotus*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- BERTELLI, L. Hecateus: from genealogy to historiography. In: LURAGHI, N. (Org.). *The historian's craft in the age of Herodotus*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 67-94.
- BOWIE, E. L. Lies, fiction and slander in early Greek poetry. In: GILL, C.; WISEMAN, T. P. (Orgs.). *Lies and fiction in the ancient world*. Austin: University of Texas Press, 1993.
- BRANDÃO, J. L. *Antiga Musa: arqueologia da ficção*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2005.
- CANFORA, L. *Teorie e tecnica della storiografia classica*. Roma e Bari: Editori Laterza, 1996.
- CHIAPPETTA, A. "Não diferem o historiador e o poeta..." O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho. *Língua e Literatura*, v. 22, p. 15-34, 1996.
- CORCELLA, A. The new genre and its boundaries: poets and logographers. In: RENGAKOS, A.; TSAKMAKIS, A. *Brill's companion to Thucydides*. Leiden e Boston: Brill, 2006. p. 33-56.
- DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Orgs.). *The Cambridge companion to Herodotus*, Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- DOVER, K. J. Thucydides "as history" and "as literature". *History and Theory*, v. 22, p. 54-63, 1983.

- EDMUNDS, L. Thucydides in the Act of Writing. In: RUSTEN, J. S. (Org.). *Oxford readings in classical studies. Thucydides*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 91-113.
- FERREIRA, J. R.; SILVA, M. F. *Heródoto. Histórias, livro I*, Lisboa: Edições 70, 2015.
- FOWLER, R. Herodotus and his prose predecessor. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Orgs.). *The Cambridge companion to Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 29-45.
- GILL, C.; WISEMAN, T. P. (Orgs.). *Lies and fiction in the ancient world*. Austin: University of Texas Press, 1993.
- GOLDHILL, S. *The invention of prose*. Oxford: Oxford University Press, 2002. (Greece & Rome: New Surveys in the Classics, 32).
- HALLIWELL, S. *The aesthetics of mimesis: ancient texts and modern problems*. Princeton e Oxford: Princeton University, 2002.
- HARTOG, F. (Org.). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- HARTOG, F. *Memoria di Ulisse. Racconti sulla fronteira nell'antica Grecia*. Torino: Einaudi, 2002. [1. ed. 1996].
- HORNBLOWER, S. *A commentary on Thucydides I*. Oxford: Clarendon Press, 1991.
- LEFKOWITZ, M. R. Patterns of fiction in ancient biography. *The American Scholar*, v. 52, p. 205-218, 1983.
- LEWIS, C. T.; SHORT, C. *A new Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1891.
- LURAGHI, N. (Org.). *The historian's craft in the age of Herodotus*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- MARINCOLA, J. *Authority and tradition in ancient historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 34-43.
- MARINCOLA, J. Herodotus and poetry of the past. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Orgs.). *The Cambridge companion to Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 13-28.

- MOLES, J. L. Truth and untruth in Herodotus and Thucydides. In: GILL, C.; WISEMAN, T. P. (Orgs.). *Lies and fiction in the ancient world*. Austin: University of Texas Press, 1993.
- MORRISON, J. V. Interaction of speech and narrative in Thucydides. In: RENGAKOS, A.; TSAKMAKIS, A. *Brill's Companion to Thucydides*. Leiden e Boston: Brill, 2006. p. 251-277.
- PELLING, C. Thucydides' speeches. In: RUSTEN, J. S. (Org.). *Oxford readings in classical studies. Thucydides*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 176-187.
- RENGAKOS, A. Thucydides' narrative: the epic and herodotean heritage. In: RENGAKOS, A.; TSAKMAKIS, A. *Brill's companion to Thucydides*. Leiden e Boston: Brill, 2006. p. 279-300.
- RENGAKOS, A.; TSAKMAKIS, A. *Brill's companion to Thucydides*. Leiden e Boston: Brill, 2006.
- ROGKOTIS, Z. Thucydides and Herodotus: aspects of their intertextual relationship. In: RENGAKOS, A.; TSAKMAKIS, A. *Brill's companion to Thucydides*. Leiden e Boston: Brill, 2006. p. 57-86.
- ROKEAH, D. Speeches in Thucydides: factual reporting or creative writing?, *Athenaeum*, v. 60, p. 386-401, 1982.
- ROSENMEYER, T. History or poetry? The example of Herodotus. *Clio*, v. 11, p. 239-259, 1982.
- RUSTEN, J. S. (Org.). *Oxford readings in classical studies. Thucydides*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- SANTOS, J. T. Sócrates e a filosofia dos diálogos platônicos. In: PLATÃO. *Êutifron, Apologia de Sócrates, Críton*. Tradução, introdução e notas de José Trindade dos Santos. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.
- SEBASTIANI, B. B. O problema da verdade em Tucídides. In: WERNER, C.; LOPES, A. D.; WERNER, E. (Orgs.). *Tecendo narrativas: unidade e episódio na literatura grega antiga*. São Paulo: Humanitas, 2015. p. 201-222.

- SEBASTIANI, B. B. Fracasso e verdade na recepção de Políbio e Tucídides. [No prelo].
- WERNER, C.; LOPES, A. D.; WERNER, E. (Orgs.). *Tecendo narrativas: unidade e episódio na literatura grega antiga*. São Paulo: Humanitas, 2015.
- WHEELER, G. Sing, Muse ...: the introit from Homer to Apollonius. *Classical Quartely*, v. 52, 2002.
- WILSON, J. What does Thucydides claim for his speeches? *Phoenix*, v. 36, p. 95-103, 1982.
- WOODMAN, A. J. *Rhetoric in classical historiography: four studies*. Londres e Nova York: Routledge, 1988.
- WOODMAN, A. J. From Hannibal to Hitler: the literature of war. *University of Leeds Review*, v. 26, p. 107-124, 1983.